



PATRIARCADO E FORRÓ: UMA ANÁLISE DE GÊNERO

Sônia de Melo Feitosa¹
Marwyla Gomes de Lima²
Milena Gomes de Medeiros³

Introdução

Nesse estudo ampliamos nossas análises sobre o patriarcado, mediante a reflexão sobre suas expressões em letras de músicas de forró, especificamente, do forró estilizado⁴, também conhecido como forró moderno, uma versão contemporânea do forró eletrônico⁵. Isto porque ao contrário do que leboram algumas algumas perspectiva teóricas, o patriarcado como sistema de dominação, que destina o poder ao homem, e define o masculino como categoria social universal, vem se perpetuando até os dias atuais. Devido, principalmente, ao seu enraizamento no tecido social como ideologia e elemento estruturante das variadas formas de dominação masculina.

Cabe ressaltar, que se, por um lado, o patriarcado coloca, ao longo da história, em mãos masculina o poder, por outro, encontra o seu antagonismo na resistência das mulheres feministas.

As letras do forró estilizado trazem em seu conteúdo expressões que repassam para a sociedade como um todo, uma imagem estereotipada das mulheres, que forjam identidades femininas com conotação pejorativa e de cunho depreciativo. Vale salientar, que discurso pejorativo dirigido às mulheres, não constitui uma marca recente na música popular brasileira, mas, atualmente, nesse gênero musical tem se constituído de um teor jamais imaginável nas letras criadas em décadas anteriores.

Assumimos como pressuposto que as letras das músicas vão de encontro à luta das mulheres por igualdade de gênero, promoção dos direitos humanos e direito a uma vida sem opressão e discriminação e violência. Ao contrário, ao depreciarem o feminino, ao banalizarem os

¹ Assistente Social. Mestranda em Serviço Social na Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN). Email: soniafeminista@gmail.com

² Assistente Social. Mestranda em Serviço Social na Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN).

³ Assistente Social. Mestranda em Serviço Social na Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte (UFRN).

⁴ Estilizado é a adjetivação dada a qualquer expressão de arte popular, na qual foi realizada modificações para expressar efeito estético.

⁵ A linguagem do forró eletrônico é estilizada, eletrizante e visual, com muito brilho e iluminação. São empregadas nas gravações e apresentações equipamentos de ponta, com maior destaque para o órgão eletrônico, que aparentemente substitui a sanfona. [...] Existem em média aproximadamente 600 bandas em todo Brasil que são adeptas do forró eletrônico. [...] Os vocalistas se multiplicam em três ou quatro para não personalizar os grupos, pois o que importa é a banda, e não exatamente que está a frente dela” (SILVA, 2003, p. 110).



corpos, os atributos e qualidades que lhes são inerentes, coloca-se como limites “invisíveis”, à construção de sujeitos sociais autônomos e capazes.

Gênero: categoria útil para a apreensão do ser-homem e do ser-mulher

O termo gênero aqui é entendido como um conceito meio que possibilita perceber como se estabelecem as relações sociais entre homens e mulheres. Analisando estas relações é possível apreender como são construídas as diferenças entre o ser-homem e o ser-mulher, a partir do processo de socialização. Segundo Faria e Nobre (1997), as pessoas nascem bebês machos ou fêmeas, e em sociedade por intermédio do aprendizado, desde cedo, são orientadas a se identificar com o que a sociedade define como sendo masculino e feminino, estabelecendo uma educação diferenciada para os gêneros. Nesse sentido, gênero é uma construção social que transforma bebês machos e fêmeas em meninos e meninas.

De acordo com Scott (1990) a construção social dos sexos é materializada, fundamentalmente, por intermédio de relações constituídas por quatro elementos inter-relacionados: Os símbolos culturais que dizem respeito aos modelos de representação contraditórios e antagônicos de mulher, a exemplo de Eva (pecado) e Maria (pureza), como forma de manipular a existência feminina; os conceitos normativos (doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas) que dão sentidos e legitimam os símbolos culturais, e têm a intenção de impedir extrapolar os papéis socialmente impostos para mulheres e homens; a organização social representada pelas instituições (família, escola, igreja, Estado, entre outras) que são as bases de sustentação de um sistema social hierarquizado e desigual que penaliza as mulheres e, que repassam os conceitos normativos de geração em geração; por fim, o quarto elemento a identidade subjetiva que se refere a interiorização das ideologias dominantes pelos indivíduos em relação aos seus papéis a serem desempenhados em sociedade.

Contudo, como gênero compreende tanto relações de igualdade quanto de desigualdade. A relação desigual e hierarquiza em que privilegia o masculino ocorre porque as relações sociais de gênero comportam uma ideologia – a ideologia patriarcal, que constrói a realidade da mulher a partir da perspectiva de supremacia masculina.

Patriarcado: pilar da condição de opressão das mulheres

Patriarcado é um conceito utilizado, largamente, pelo feminismo para designar o poder dos homens na sociedade. Na contemporaneidade parecem naturalizadas as variadas expressões



patriarcais, no entanto nos deteremos nas suas manifestações contidas nas letras das músicas de forró. Tornou-se lugar comum, nos dias atuais, utilizar a imagem e representação social da mulher como mercadoria, na mídia, nos programas humorísticos, nas propagandas de vários produtos, como cervejas e, particularmente, nas letras de forró, conhecido por estilizado ou forró eletrônico.

A tônica do forró estilizado, na atualidade, é banalizar as variadas formas de discriminações, preconceitos e violência contra as mulheres tão presente em nossa sociedade, nele as mulheres são tratadas como objeto de prazer ou de violação. Por meio da linguagem são utilizados com frequência termos como vagabunda, pistoleira, fuleira, safada e puta. A exemplo do refrão da música Mulher Fuleira⁶: *Ela é fuleira, fuleira, fuleira. Ela é fuleira, fuleira, fuleira. Ela é fuleira, fuleira, fuleira. Ela é fuleira, fuleira, fuleira. Na bagaceira...* Como se percebe são expressões que reforçam a força cultural do patriarcado.

Recorrendo a Hartmann (1979), Saffioti, assim, explicita em seu estudo o conceito de patriarcado.

O patriarcado constitui-se num pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre homens, como a solidariedade existente entre eles, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres⁷.

Portanto, o patriarcado é um sistema de dominação que designa o poder ao homem e define o masculino como categoria social dominante. Apesar da força deste sistema e de sua presença, hoje, nas diversas formas de organização social, estudos antropológicos mostram que as sociedades humanas nem sempre foram patriarcais. Segundo Saffioti (2002, p. 50), o surgimento deste sistema se deu com o advento da propriedade privada dos meios de produção e com a constatação da participação do homem no ato da fecundação.

O patriarcado desde sua consolidação vem sofrendo modificações, “uma vez que nada é estático, a própria “sociedade sofre, permanentemente, transformações, o patriarcado também processa as suas” (SAFFIOTI, 2002, p. 50). Entretanto, apesar das transformações que marcaram este sistema, poucos foram os avanços no campo da promoção da igualdade entre mulheres e homens. O patriarcado ainda se constitui num sistema de dominação que por intermédio da ideologia hegemônica de superioridade masculina, influencia a sociedade como um todo. Recorrendo a Therbom (2006), podemos apreender que é a força do patriarcado que o possibilita

⁶ Banda Aviões do Forró. www.lyrics.mus.br/.../mulher-fuleira/letra-da-musica/759325 Acesso em 26 de dez. 2009. Fuleira significa no linguajar cotidiano nordestino sem valor; ordinária, reles.

⁷ SAFFIOTI, Heleiete I. B. A. *Gênero e Patriarcado: Violência contra mulheres*. IN: *A mulher nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002, página 104.



atravessar gerações, devido a seu enraizamento no tecido social por meio de duas dimensões intrínsecas básicas:

A dominação do pai e a dominação do marido, [...] – ou seja, de modo mais claro às relações de geração e de gênero. [...], o núcleo de poder patriarcal constitui, acima de tudo, no poder do pai sobre a filha e no do marido sobre a mulher. O poder do pai sobre o filho, via de regra, era uma versão suavizada daquele sobre as filhas [...]. com relação às relações marido e mulher, os principais aspectos são: a presença ou ausência da assimetria sexual institucionalizada, tal como a poligínia e nas regras diferenciais para o adultério; a hierarquia de poder marital e de representação familiar; e a heteromia, ou seja, o dever da obediência da mulher e o controle do marido sobre sua mobilidade, suas decisões e seus trabalhos⁸.

Nesse sentido, munidos desse poder, por muito tempo os homens tiveram o direito de vida e morte sobre escravos, esposas e filhos. É preciso salientar que o poder do patriarcado, embora se faça presente em toda parte, difere-se entre classes e cultura tanto no passado como no presente. Mas a supremacia masculina ditada pelos valores patriarcais, a qual atribui um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas se faz presente em todas as organizações sociais. Camurça (2007, p. 20), nos fornece a idéia de mecanismos responsáveis pela perpetuação e sustentação desse sistema de dominação, em quatro mecanismos principais:

1. A prática da violência contra as mulheres para subjugar-las;
2. O controle sobre o corpo, a sexualidade e a vida reprodutiva das mulheres;
3. A manutenção das mulheres em situação de dependência econômica e
4. A manutenção, no âmbito do sistema político e práticas sociais, de interdição à participação das mulheres⁹

A violência constitui o instrumento mais antigo de expressão do poder do homem, e está presente na vida de milhões de mulheres de todas as classes sociais, raças/etnias e orientação sexual. É por meio desse instrumento que o mundo masculino impõe sua dominação no momento em que as mulheres ousam contrariar o papel a elas reservado. As diferentes práticas de violência contra as mulheres, como a física, a simbólica, sexual, patrimonial, foram naturalizadas no seio da sociedade e se fazem presentes tanto nos espaços de intimidade como no espaço público. As letras das músicas do forró estilizado trazem essa naturalização. Nelas, a violência contra as mulheres é tratada, muitas vezes, como instrumento que dá prazer as mulheres, alimentando, assim, o mito de que “mulher gosta mesmo é de apanhar”, a exemplo da letra da música Tapa na Cara¹⁰:

Ela é safada, mas gosta de apanhar. E diz que é gostoso na hora de amar. Apanha pra dormir, apanha pra acordar. Apanha todo dia, toda hora sem parar. Eu sei o que fazer pra ela não brigar. É tudo diferente, seu remédio é apanhar [...]. O povo na minha rua já tá desconfiando. Pensando que eu bato com ciúme da mulher. Todo mundo pensa que eu sou um mau marido. Mas só que eles não sabem a cachorra que ela é ...

⁸ THERBOM, Goron. *Sexo e Poder: a família no mundo. 1900-2000*. Tradução Elizabete Dória. São Paulo: Contexto 2006, página 29.

⁹ CAMURÇA, Silva, *‘Nós Mulheres’ e nossa experiência comum*. IN: Reflexões feministas para a transformação social. Cadernos de Críticas feministas, Ano I, N. 0 – dezembro 207, página 20.

¹⁰ Banda Saia Rodada www.letras.com.br/saia.../tapa_na_cara. Acesso 27 dez. 2009.



O controle sobre a sexualidade das mulheres e sobre a sua capacidade reprodutiva é outra forma de dominação. “Este controle é expresso na negação de sua liberdade sexual, na limitação a sua autodeterminação reprodutiva” (CAMURÇA, 2007, p. 20), como, por exemplo, com a criminalização do aborto, que leva milhares de mulheres a óbitos. Na exploração da imagem das mulheres na mídia, por meio da indústria da propaganda, do sexo, do entretenimento. As letras do forró estilizado, em geral, expressam bem a forma como a sociedade pode considerar a conquista das mulheres de uma vida sexual livre com, uma certa, autonomia. Temos como exemplo a seguinte letra da música Mulher Boa é Minha Mãe¹¹.

A mulher boa é minha mãe, Gostosa é minha vizinha. Pense numa mulher galinha, Todos querem lhe traçar, todo dia é um macho, é um cabra diferente Pense numa mulher doente. Quero ir, mas tenho medo e nós temos um segredo eu vejo ela se acabar. E no gemido vaAiiii...

A manutenção da dependência econômica das mulheres é outro mecanismo abordado por Camurça (2007), como responsável pela sua subordinação ao regime patriarcal. A manutenção é garantida, de acordo com ela, pela ordem social no mundo do trabalho, uma vez que é imposto as mulheres uma divisão sexual do trabalho, na qual elas são responsabilizadas pelo trabalho doméstico gratuito, dificultando ou até mesmo impedindo a construção de sua autonomia financeira. E mesmo quando as mulheres trabalham fora de casa, muitas continuam responsáveis pela organização doméstica, ocasionando para elas uma intensiva jornada de trabalho. Além de enfrentar o sexismo expresso, sobretudo, na diferenciação salarial, mesmo quando possuem igual ou maior escolaridade que o homem e ocupam o mesmo cargo, ou realizam a mesma atividade reprodutiva.

O problema enfrentado pelas mulheres no espaço de poder último mecanismo de dominação, citado por Camurça (2007), efetiva-se pela sua inexpressível participação político-institucional¹², nos partidos políticos, nos sindicatos, movimentos sociais, “nos espaços políticos de decisão sobre a mídia comercial e a alternativa” (CAMURÇA, 2007, p. 20). Nas grandes programações midiáticas, geralmente, é utilizado em apelo a audiência, conteúdo que banaliza o exercício da sexualidade das mulheres, a violência, a sua suposta fragilidade e a sua subalternidade.

Contudo, ousamos acrescentar mais um mecanismo de dominação patriarcal aos citados por Camurça, que é o espaço do entretenimento, mais precisamente o voltado para a massa da população que, faz uso da arte musical que por intermédio das letras das músicas de forró, traz

¹¹ Banda Saia Rodada www.letras.com.br/saia.../mulher_boa_e_minha_mae. Acesso 24 dez. 2009.

¹² A proporção de mulheres na Câmara dos Deputados em relação ao número de homens reflete a maciça predominância masculina. De 513 parlamentares que compõem a Casa, apenas 45 são mulheres. Nenhuma delas ocupa cargo na Mesa Diretora. No Senado, a situação não é diferente. Das 81 vagas, apenas dez são ocupada por mulheres (LIMA, 2010), disponível em www.senado.gov.br/web/senador/.../detalha_noticias.asp, acesso em 20 de março 2010.



uma desvalorização pública do feminino, a exemplo de parte da música *Mulher do Babado*¹³: *Tem mulher de todo jeito. Tem mulher que não convém. Tem mulher que é bola cheia. E não dá bola pra ninguém. Uma até ouve direito. Outra o primeiro que vem. Uma gosta de apanhar. E outra não bate em ninguém...*

Dessa forma, o estudo sobre o patriarcado nos permite apreender como foram construídas e estabelecidas as relações de poder, a partir de um dado momento histórico, e de como este sistema vem se perpetuando ao longo do tempo. As relações de poder em que se prioriza o masculino, em detrimento do feminino, são responsáveis pela condição de opressão das mulheres nos dias atuais e explicativas da difusão dessa opressão nos meios de entretenimento, sobretudo no meio musical de massa.

Forró e a desvalorização pública do feminino

O Forró é um estilo musical dançante que agrupa uma variedade de gêneros musicais, é especialmente popular nas cidades e nas capitais da região nordeste do país, mas, tem uma grande aceitação em todo território nacional. Possui uma variação de ritmos como: o baião, o coco, o rojão, a quadrilha, o xaxado e o xote. Apresenta ainda outra divisão: forró eletrônico ou estilizado, forró pé de serra e forró universitário.

Este ritmo foi apresentado a todo país por intermédio do trabalho do compositor e cantor Luiz Gonzaga na década de 1940. O mesmo gravou inúmeras músicas que falavam do cotidiano nordestino, transformando este estilo musical em música popular urbana.

Atualmente, a exemplo de outros estilos musicais, o forró vem sofrendo alterações quanto a seu perfil original com o surgimento de novas bandas e grupos musicais que vêm fazendo sucesso entre pessoas jovens e adultas de todas as classes sociais. O que presenciamos é a proliferação de um ritmo que vem se consagrando como representante do autêntico forró nordestino, o forró estilizado, que despontou em meados dos anos 1990, e permanece sucesso em espetáculo nos dias de hoje, em grande parte do território brasileiro. A sonoridade das bandas que tocam este estilo é marcada “pela repetição e previsibilidade de um ritmo frenético e dançante”, (SANTOS, 2009, p. 2), que contagia as pessoas.

Salientamos, que não estamos nesse estudo questionando o estilo de forró, pois defendemos que qualquer estilo musical pode vir a fortalecer a cultura de classes ou simplesmente reforçar o *status quo* da classe dominante. Nem pretendemos fazer juízos de valor, chamamos, sim, atenção

¹³ Banda Cavalheiros do Forró www.lettras.com.br/cavalheiros.../mulher-do-babado, acesso em 15 de janeiro 2010



para as modificações sofridas pelo forró e, que significaram a exacerbação nos conteúdos das letras das músicas de tratamento discriminatório e da desvalorização pública do feminino.

O conteúdo das letras desse estilo de forró geralmente, expressam a forma como a sociedade lida com a conquista das mulheres no campo dos direitos humanos, a exemplo das letras das músicas citadas ao longo do texto. As mulheres são visualizadas pela concepção do ‘macho’, de uma forma ainda mais agressiva e satírica de épocas anteriores. Não que em épocas passadas não devesse existir preocupações com as expressões dirigidas às mulheres nas letras das músicas de forró, uma vez que, é de fácil constatação a presença de discriminação mesmo nas canções mais antigas. Exemplo disso é o forró de duplo sentido, também conhecido como “forró safado”, que fez grande sucesso nos anos 1980, no qual as letras das músicas exploram mais de um sentido para uma mesma palavra ou conjunto de palavras, sempre com um conteúdo sexual explícito, a exemplo da música Julieta (1980)¹⁴.

Olha aí rapaziada/ A Juliêta tá me chamando/ Vamos ver prá quê, que é?"/ Juliêta-tá, tá me chamando/ Juliêta-tá, tá me chamando/ Maria preta escreveu na tabuleta/ Quem tiver dinheiro come / Quem não tem toca...pandeiro!... [...]/ Eu conheço uma menina/ Que se chama Juliêta/ Ela tem o dedo fino/ De tanto tocar...piano!.../ Conheço uma menina/ Que se chama Dorotéia/ Ela tá muito doente/ Ela tá com...resfriado!.../ Meu avião não cai/ O meu barco não afunda/ Menina eu quero ver/ O balançar da sua...saia/ Namoro uma garota/ Que se chama Mariêta/ Ela tem uma saia curta/ Que aparece a...etiqueta!...

Contudo, atualmente presenciamos uma nova releitura do forró considerado tradicional como o forró-pé-de-serra, com o aparecimento de bandas como Mastruz com Leite, Calcinha Preta, Saia Rodada, Cheiro de Menina, entre outras. Estas bandas inauguraram uma nova forma de fazer e vender letra de música de forró, na qual se faz presente forte apelo a banalização do sexo e uma desvalorização feminina, fala das mulheres como objeto de satisfação dos desejos sexuais ou da libido dos homens. São músicas que possuem um refrão que se repete várias vezes, a exemplo do forró de duplo sentido, que impregnam a mente e, muitas pessoas saem repetindo mesmo quando não são simpatizantes de tal estilo. A música Locadora de Mulher (2008)¹⁵, é exemplo disso:

Eu descobrir uma lacadora de mulher/Lá tem mulher do tipo que o homem quiser/ Eu descobrir uma locadora de mulher/ Lá tem mulher do tipo que o homem quiser/ Lá tem mulher do tipo que o homem quiser/ Eu descobrir uma locadora de mulher/ Lá tem mulher do tipo que o homem quiser/ E tem mulher de cara linda, tem mulher de cara feia, mulher tipo violão, mulher do tipo baleia, lá tem mulher carinhosa, mulher cheia de frescura, mulher rabo de peixe, da bunda de tanajura...

O discurso agressivo e discriminatório às mulheres presentes nestas músicas, a nosso ver, influencia a identidade subjetiva das pessoas, tratada por Scott (1990), um dos quatro elementos que constitui o gênero, uma vez que essas produções tem uma boa aceitação pública e,

¹⁴ Canta Genival Lacerda. www.webletras.com.br/letra_2.asp?musica. Acesso em 20 dez. 2009.

¹⁵ Banda Aviões do Forró. www.clickgratis.com.br/letrasdemusicas/.../locadora_de_mulher.html. Acesso em 27 dez. 2007



conseqüentemente, são tocadas em espaços de diversão que aglomeram um número expressivo de pessoas, seus DVDs (Digital Vídeo Disc ou Digital Versátil Disc) batem recorde de venda, como também são tocadas repetidas vezes nas rádios, fazendo com que os sujeitos internalizem sua mensagem, sem nenhuma reflexão crítica em relação ao seu conteúdo. Tais incorporações acríticas de valores discriminatórios se constituem em expressões vivas e empíricas do patriarcado, traduzindo-se nas mais variadas formas de discriminação e violação de direitos humanos.

Culturalmente a imagem da mulher foi construída sob o prisma de uma dualidade de comportamento que oscila entre o santo e o profano, que inconscientemente foi internalizada até mesmo pelas próprias mulheres.

Trabalhamos neste estudo na identificação de expressões voltadas para o feminino de forma pejorativa nas letras das músicas de forró, no entanto, bastaríamos mencionar os nomes de grande parte das bandas que cantam estas letras: Cheiro de Menina, Calcinha Preta, Moleca sem Vergonha, Garota Safada, Ferro na Boneca, Cheiro de Menina etc. Observa-se que todas as nomenclaturas das bandas elencadas fazem referência assim como suas canções, ao comportamento das mulheres em relação ao exercício da sua sexualidade. Sugerindo, ainda, que as mulheres, desde a mais tenra idade são marcadas pelo poder sedutor.

Considerações finais

A naturalização da discriminação e da opressão é uma realidade que faz parte do imaginário brasileiro há muito tempo, como mostram diversos estudos voltados para a temática. Contudo, uma vida sem discriminação, sem opressão e sem violência é um direito inerente a todos os seres humanos. No entanto, este estudo evidencia que este direito tem sido violado nas letras das músicas do forró em questão, colocando-se na contramão das lutas e reivindicações dos movimentos feministas e dos movimentos de mulheres, pois enquanto os movimentos levantam campanhas contra a violência perpetrada contra as mulheres, contra a discriminação e opressão do gênero feminino, canta-se 'jogaram uma bomba no cabaré/ voou pra todo canto pedaço de mulher'; 'Que loucura de mulher Cachorrone, malandrone, safadone'...; 'Hoje eu pego uma fuleira'¹⁶...

¹⁶ Trechos das letras das músicas, consecutivamente: Bomba no Cabaré (2007), interpretada pela banda Matrux com Leite, autoria de Dadá di Moreno e Maninho; A Solteirone, interpretada pela banda Aviões do Forró; Levante o Dedo, Banda Cavaleiros do Forró, autoria de Beto Caju/Edu Lupa/ Izac Maraial



Mas, cabe indagar, não seriam a discriminação, a opressão e a violência contra as mulheres resultantes de uma sociabilidade própria às nossas formações sociais capitalistas que delas se servem para consolidar dominação e hegemonia? E, assim sendo, qual o sentido das lutas feministas?

A pesquisa que desenvolvo se insere no esforço coletivo de desvendamento das formas de discriminação e opressão, explicitando as novas roupagens que camuflam idéias preconceituosas, e ainda a adesão daquelas cuja imagem atinge diretamente e, que contraditoriamente se constituem reprodutoras e legitimadoras “inconscientes” de formas de lazer que contribuem para oprimi-las.

O patriarcado que antes tentava controlar a vida das mulheres sobre o discurso da proteção do “sexo forte” sobre “o sexo frágil”, hoje pensa controlar a vida das mulheres por meio da degradação da sua imagem. É o patriarcado, vestindo nova roupagem, levantando novas bandeiras, apropriando-se da conquista das mulheres a terem uma vida sexual com mais liberdade garantindo, assim, a sua perpetuação.

Bibliografia

CAMURÇA, SILVA. *‘Nós Mulheres’ e nossa experiência comum*. IN: reflexões feministas para a transformação social. Cadernos de Críticas Feministas Ano I, N. 0 – dez. 2007.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 1997.

SAFFIOTI, Heleiete I. B. A. *Gênero e Patriarcado: Violência contra mulheres*. IN: *A mulher nos espaços públicos e privados*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

_____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. Coleção Brasil Urgente.

SANTOS, Veridiano. *Forró Estilizado* (2009), disponível em: www.asc.es.edu.br/p=blog&du16&idpost=239. Acesso em 05/01/ 2010.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução: Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia, 1990

THERBOM, Goron. *Sexo e Poder: a família no mundo, 1900-2000*. Tradução Elisabete Dória São Paulo: Contexto, 2006.